

## **CORRELAÇÕES ENTRE SENTIDO DE VIDA E ESPIRITUALIDADE EM SUJEITOS ATEUS**

*Lorena Bandeira da Silva<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O presente trabalho propõe averiguar as associações entre espiritualidade e sentido de vida em sujeitos ateus. Trata-se de uma revisão bibliográfica a partir de obras que tecem sobre espiritualidade e ateísmo, a fim de estabelecer uma relação entre dois tópicos. A visão de sujeito que norteará esta pesquisa advém da Logoterapia e Análise Existencial, fundada por Emil Viktor Frankl, em que a constituição do sujeito não contempla apenas as dimensões biológica e psicológica, mas compreende o ser como dotado de três dimensões, acrescentando a dimensão noética ou espiritual, compondo a essência do homem, uma vez que a totalidade humana, pertence ao espiritual por ser a esfera sadia do sujeito, de onde emergem os valores, a religiosidade e a vontade de sentido. Parte-se da concepção de que a espiritualidade atua como importante fator protetivo do sujeito, direcionando-o a uma busca de sentido para sua vida e que independe de prática religiosa. As pesquisas no campo da espiritualidade têm crescido significativamente, apontando, de acordo com os resultados obtidos, a relação entre a saúde e qualidade de vida. As várias definições de espiritualidade, em sua maioria, contemplam a busca por significado e propósito de vida, o que coaduna com a tese de alguns atores sobre ateísmo, que defendem o espírito do ateísmo, demonstrando que é possível viver sem religião, uma vez que a apreensão de valores não é efetivada unicamente pelas tradições cristãs e que, os ateus e agnósticos não são incapazes de manifestar moral ou ética, tendo ou não religião, uma vez que a moral não decorre nem de decisão nem de criação. A manifestação espiritual existencial dos ateus e agnósticos decorre da fidelidade e da ação, não da esperança e que não ter religião não implica em não ter espiritualidade.

Palavras-chave: Ateísmo; Espiritualidade; Sentido de vida

### **INTRODUÇÃO**

As pesquisas no campo da espiritualidade têm crescido significativamente, apontando, de acordo com os resultados obtidos, a relação entre a saúde e qualidade de vida, especificamente a partir dos estudos realizados pelo Grupo de Avaliação da Qualidade de Vida da Divisão de Saúde Mental da Organização Mundial de Saúde (Grupo WHOQOL) sobre a influência da religião/religiosidade/espiritualidade na qualidade de vida das pessoas, o que, posteriormente, refletiu na mudança do conceito de saúde, acrescentando a dimensão espiritual como variável.

No entanto, tais pesquisas, contemplaram participantes de instituições religiosas e os benefícios da participação nessas instituições refletidos na sua saúde e bem-estar, o que tem permitido a discussão sobre religiosidade e religião dentro de espaços como hospitais (PANZINI *et al*, 2007; PERES *et al* (2007).

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. Graduada em Psicologia pela UEPB. Mestranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

O consenso entre psicólogos, filósofos e profissionais da área das Ciências das Religiões sobre o aspecto inerente da espiritualidade balizado nas teorias sobre holismo, a todos os seres humanos ainda se expressa muito timidamente em pesquisas com sujeitos ateus/agnósticos, permanecendo apenas na teoria, o que evidencia a necessidade estudos empírico a fim de corroborar tais proposições.

Dentre várias teorias, a Logoterapia apresenta uma perspectiva teoria sobre a dimensão de espiritualidade do homem, denominada ontologia dimensional, em que acresce uma terceira dimensão, além das biológica e psíquica, designada noética (FRANKL, 2007).

Tal dimensão constitui-se como núcleo sadio da pessoa, possuindo caráter protetivo frente às adversidades a partir da intencionalidade e vontade de sentido do sujeito, manifestada através da religiosidade, valores, criatividade.

- **Acerca da espiritualidade**

As várias definições de espiritualidade, em sua maioria, contemplam a busca por significado e propósito de vida (VOLCAN, 2003; PANZINI *et al*, 2007). No entanto, Koenig (2012) enfoca a importância de especificar um conceito de espiritualidade para fins de pesquisa, a ser a relação com o transcendental, que pode ser desenvolvido através da religião como, também, com a natureza, artes e conjunto de valores.

Vaillant (2010), complementa, concluindo que o que nos torna espiritualizados é a capacidade humana para emoções positivas, o que, segundo Comte-Sponville (2007) é inerente ao ser humano, independentemente de religião.

Muitas pesquisas têm sido, então, desenvolvidas a fim de evidenciar a correlação positiva entre espiritualidade/religiosidade/religião e qualidade de vida e avaliar a percepção subjetiva que os sujeitos têm na relação entre bem-estar e suas crenças (PANZINI *et al*, 2007). De acordo com Peres *et al* (2007), as pesquisas realizadas nesta área apontam que a espiritualidade melhora o estado de saúde mental.

O Grupo de Avaliação da Qualidade de Vida da Divisão de Saúde Mental da OMS (Grupo WHOQOL) definiu qualidade de vida diretamente relacionada ao contexto cultural, a partir da percepção individual do sujeito de sua posição na vida e seus sistemas valorativos em relação a seus objetivos e expectativas (WHOQOL *Group*, 1994).

A partir de pesquisas com grupos focais em 1991, o mesmo grupo concluiu que a espiritualidade/ religião/ religiosidade são variáveis importantes na qualidade de vida e saúde dos sujeitos, propondo a mudança do conceito de saúde para “um estado dinâmico completo de bem

estar físico, mental, espiritual e social e não meramente a ausência de doença”. (WHO/MAS/MHP/98.2, 1998)

Esse conceito corrobora com a proposição de Paiva (2004), que liga a espiritualidade à saúde através do holismo, conceito que corresponde à integração do sujeito como um todo, não um ser fragmentado em mente/corpo.

Dessa forma, a espiritualidade é percebida como intrínseca ao sujeito (VALLE, 2005), como aponta Giovanetti (2005), experiências que conduzam o sujeito a uma mudança interior, acarretando integração pessoal, assim, a espiritualidade pode contribuir para o fortalecimento pessoal (SANTOS e BARBOSA, 2013), e resiliência (IDLER *et al*, 2003).

Essa perspectiva integrada do sujeito, favorecendo sua capacidade protetiva, corrobora com a visão logoterápica da ontologia dimensional, onde as dimensões biológica, psicológica e espiritual se inter-relacionam a fim de garantir a integralidade do ser.

- **Dimensão noética e sentido de vida**

A visão de sujeito que norteará este trabalho advém da Logoterapia e Análise Existencial, fundada por Emil Viktor Frankl, em que a constituição do sujeito não contempla apenas as dimensões biológica e psicológica, mas compreende o ser como dotado de três dimensões, acrescentando a dimensão noética ou espiritual, compondo a essência do homem, uma vez que a totalidade humana, pertence ao espiritual (FRANKL, 2007; LIMA NETO, 2012), por ser a esfera sadia do sujeito, de onde emergem os valores, a religiosidade e a vontade de sentido (LUKAS, 1989; PEREIRA, 2013).

O cerne da dimensão espiritual, sob a ótica de Frankl (2007), é inconsciente, por ser irreflexível, como a própria existência, pois a existência espiritual é somente executável, uma vez que o sujeito, ao realizar atos espirituais fica imerso na execução dos atos e, não, no aspecto reflexivo do noético (XAUSA, 2011).

O conteúdo espiritual inconsciente pode ser manifestado de diversas maneiras, como nos sonhos, nas emoções positivas e expressões artísticas. Tal característica é genuína e inerente ao homem, o que evidencia a espiritualidade em sujeitos ateus e agnósticos (AQUINO, 2013; FRANKL 2007).

Segundo Silveira e Mahfoud (2008), é do noético que emerge a capacidade de resiliência do sujeito, pelo aspecto livre e responsável do sujeito e da busca pela vontade de sentido que facilita o processo de resistência do sujeito, uma vez que havendo razões para suportar determinadas adversidades, o sujeito manifesta mecanismos protetivos para tal (GARCIA, 2008).

Para Frankl (1973), todo ser humano é impelido a buscar o sentido da vida, um sentido em cada situação e um supra-sentido, que se encontra além do espaço físico vital. Para este ser, a vida não é um mero acidente sem propósito (XAUSA, 2011). Frankl (1992) acrescenta que esta busca é movida pela vontade de sentido, que subjaz ao princípio de prazer de Freud e ao desejo de poder de Alfred Adler.

- **Ateísmo e espiritualidade em ateus**

O ateísmo, segundo Dowell (1999), pode ser definido como toda forma de descrença existencial ou intelectual em um Deus ou em deuses de caráter pessoal que se ocupam com o destino humano. O Agnosticismo, por sua vez, palavra que deriva do grego “*ágnostos*”, caracteriza-se pela crença em nada: não crê na existência ou não, de Deus, deixando, assim, a questão em suspenso como afirma Comte-Sponville (2007), abrindo a possibilidade da existência de alguma entidade divina (MARTÍNEZ-TABOAS *et al*, 2011).

Tanto ateus como agnósticos pertencem crenças com relação ao divino, no entanto, o ateísmo se distingue por ser uma crença negativa, já que infere a não-existência de Deus.

No Brasil, no Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), constatou-se que o número de sem religião aumentou significativamente, subindo de 1,6% na década de 80 para 8,1% em 2010. Essa categoria contempla ateus, agnósticos e sujeitos que abandonaram instituições religiões, mas que ainda se declaram crentes no tocante a alguma divindade.

O Censo 2010 foi o primeiro a discriminar ateus e agnósticos, tendo estes 124.436 declarados e 615.096 ateus declarados, evidenciando mudanças no campo religioso brasileiro através da diminuição de católicos declarados e aumento das religiões pentecostais e dos sem religião (RODRIGUES, 2012; MARIANO, 2013).

Martínez-Taboas (2011) aponta o estereótipo do ateu e agnóstico alimentado pelo discurso religioso intolerante como responsável por disseminar que ateus são percebidos como pessoas sem educação, imorais e que inspiram pouca confiança. Esses estereótipos, vem mudando aos poucos através de pesquisas, mesmo que ainda tímidas, sobre essa população, evidenciando que ateus são pessoas responsáveis, educadas e tolerantes à adversidade e que, eles mesmos estão contribuindo para essa mudança de estereótipo, através do Novo Ateísmo (CONESA, 2011).

O ateísmo, por muito, foi uma tema marginalizado em pesquisas, principalmente, empíricas. No campo da filosofia, inúmeros teóricos já elaboraram tratados ateológicos e teorias

acerca da temática, entre eles Ludwig Feuerbach e Michel Onfray. No caso do filósofo alemão, poucas traduções para o português foram realizadas e de forma muito tardia (REDYSON, 2013).

De forma muito sensível, Ludwig Feuerbach apresenta suas críticas com autenticidade, revelando a excelência filosófica de seus argumentos, na descrição, não apenas da essência do homem, mas da essência da religião, estimulando o homem ao pensamento crítico diante da alienação da religião, evidenciando seu caráter nocivo (FERNÁNDEZ, 2006). Para o autor, a base da religião é o medo. É partir dele que a fidelidade religiosa se justifica, evidenciando também um sentimento de dependência, explicada como fundamento psicológico e subjetivo da religião. Além disso, o medo de males possíveis e futuros constituem a mola da religião. (FEUERBACH, 2009).

Ainda nessa perspectiva, o homem, na religião, se renega, sem perceber que, na verdade, objetiva sua própria essência quando fala da essência de Deus. No fim, a adoração de Deus e a adoração do homem (DE PAULA, 2007).

Nessa mesma perspectiva, Michel Onfray, filósofo francês, critica com acidez os monoteísmos, de forma muito específica o cristianismo, também repreendendo o caráter alienante e dependente que a religião proporciona, trazendo importantes contribuições para a essência da religião, sem tirar o brilhantismo de Feuerbach.

Para o autor, essa sociedade é caracterizada pela falta de valores e a incapacidade do sujeito atual em estabelecer uma ética no que concerne a estabelecer a bondade e maldade das coisas, em que tudo parece bom, inclusive o mal, colocando o niilismo atual direcionado ao senso de perda do sujeito.

No entanto, aponta que esse descrédito religioso é puramente ilusório, uma vez que muitos rituais judaico-cristãos permanecem na sociedade, havendo a percepção de um significativo, mas que precisa restabelecer seu significado. Pontua, ainda, que a resposta a esse niilismo atual não se concentra numa restauração, mas “[...] num desígnio hedonista contra o ideal ascético, um contrato com o real e não uma submissão ao céu, etc.” (ONFRAY, 2010, p. 37).

Defende, assim, um ateísmo verdadeiro, que deve ser dirigido pela via filosófica, estabelecendo aqui, também, mais uma crítica do autor, dessa vez ao que ele denomina de antifilosofia, que colabora com os preceitos religiosos ou do poder de Estado. Esse ateísmo verdadeiro é denominado por ele de pós-cristão, que conserve a percepção e a crença na periculosidade de Deus, não no intuito de negá-lo, mas focando-se na alienação percebida na religião que é forjada pelos homens, a partir de seu próprio senso de impotência em que se direcionam a um ser que o considera dotado de atributos faltantes em si.

No tocante à ateologia, o autor apresenta o ateísmo cristão, que dissocia a moral e a transcendência a partir da crença de que o bem não tem necessidade, especificamente, de um Deus, sendo caracterizado como um cristianismo sem Deus. Nesse sentido, a filosofia apresenta-se enquanto genealogia da moral, substituindo a teologia.

Aponta, também, as três tarefas ao qual a ateologia se propõe, a ser: (1) desconstrução dos três monoteísmos (cristianismo, judaísmo e islamismo), (2) percepção da constituição de uma das três religiões e a (3) desconstrução do cristianismo. Com relação ao tópico 01, o autor coloca que as religiões apresentam um mesmo fundo, principalmente no tocante ao ódio imposto em suas histórias, o discurso de ódio contribui para a sustentação dessas religiões; com relação ao tópico 02, perceber a constituição das religiões contribui para melhor análise de seu processo de instalação a partir de falsificação, utilizando-se da alienação do sujeito e histeria coletiva; com relação ao tópico 03, essa desconstrução do cristianismo é realizada a partir da desmontagem da criação da ficção em que está sedimentada, em especial por Paulo de Tarso, duramente criticado pelo filósofo francês.

Lapide e Frankl (2013) discorrem acerca das diversas posturas de ateus, dentre elas o ateu que luta contra Deus. Os autores concluem que o ateísmo verdadeiro perpassa pela tolerância, expressando valores que transcendem do noético.

Comte-Sponville (2007), defende o espírito do ateísmo, demonstrando que é possível viver sem religião, uma vez que a apreensão de valores não é efetivada unicamente pelas tradições cristãs e que, os ateus e agnósticos não são incapazes de manifestar moral ou ética, tendo ou não religião, uma vez que a moral não decorre nem de decisão nem de criação.

O autor aponta, ainda que a manifestação espiritual existencial dos ateus e agnósticos decorre da fidelidade e da ação, não da esperança e que não ter religião não implica em não ter espiritualidade. Essa tese corrobora a idéia de Frankl de que todos os sujeitos expressam sua espiritualidade, a partir da compreensão de que a manifestação de espiritualidade depende muito mais dos valores do que do fato do sujeito participar de uma instituição religiosa.

Corrobora assim, Comte-Sponville (2007) colocando a naturalidade do espírito como fator fundamental para a imanência da espiritualidade, refletindo sobre a fidelidade espiritual dos ateus, como aponta a seguir:

“Que espiritualidade para os ateus? Repensando nas três virtudes teológicas da tradição cristã, eu responderia: uma espiritualidade da fidelidade e não da fé, da ação e não da esperança (...), enfim, do amor, evidentemente, e não do temor ou da submissão” (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 133).

Frankl (2007) complementa essa assertiva colocando que o homem irreligioso é aquele sujeito que aceita a consciência, a sua consciência propriamente, como sendo a última instância diante de sua responsabilidade. Assim, o autor pontua que, a consciência, enquanto órgão de sentido, direciona o sujeito para a autotranscendência, seja ela concretizada a partir de um Deus, um outro ser, ou a natureza, como expressão de valores vivenciais, que o direcionam a encontrar um sentido, expressando assim, a natureza da espiritualidade dos ateus direcionada a um sentido de vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das teorias de Viktor Frankl acerca da dimensão noética e sentido de vida, Koenig acerca do conceito de espiritualidade e Comte-Sponville, acerca do espírito do ateísmo, o presente artigo teve por objetivo apresentar as relações entre os conceitos de espiritualidade e sentido de vida, demonstrando a natureza espiritual dos ateus a partir da busca de um sentido de vida pessoal e realização de valores.

Mesmo diante da incipiente quantidade de pesquisas na área, pode-se estabelecer a inferência de que sujeitos ateus também são espiritualizados a partir da percepção de que sua consciência volta-se para questões metafísicas, como a questão do sentido, ressignificando sua existência e voltando-se para a realização plena de valores, que são apreendidos independentemente de haver uma relação com alguma instituição religiosa, ou base familiar religiosa.

É preciso ainda, estudos empíricos que comprovem ou refutem as colocações aqui apresentadas, mas que, sem essa perspectiva teórica inicial, a compreensão do sujeito ateu como sendo um sujeito também espiritualizado poderia ficar aquém de pesquisas científicas. O que, no fim, evidencia-se aqui, é a natureza transcendente e consciente dos ateus, dotados de uma espiritualidade fiel às suas convicções e valores.

## **REFERÊNCIAS**

AQUINO, Thiago. **Logoterapia e Análise Existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl**. São Paulo: Paulus, 2013.

COMTE-SPONVILLE, Andre. **O espírito do ateísmo: introdução a uma espiritualidade sem Deus**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

CONESA, Francisco. El nuevo ateísmo: exposición y análisis. **Scripta Theologica**. v. 43, p. 547-592, 2011.

DAMÁSIO, Bruno Figueiredo. KOLLER, Silvia Helena. **Sentido de vida e bem-estar subjetivo: interações com esperança, otimismo, autoeficácia e autoestima em diferentes etapas do ciclo vital.** Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS.

DIAS, A. F. L. Filosofia, alienação e consciencia em Ludwig Feuerbach. IN: REDYSON, D.; CHAGAS, E. F. (Orgs.). **Ludwig Feuerbach: filosofia, religião e natureza.** São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2011.

DOWELL, João. Ateísmo: história e problema. **Sintese**, Belo Horizonte, v 26, n 86, 1999.

FEUERBACH, L. **Preleções sobre a essência da religião.** Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2009.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e sentido de vida.** São Paulo: Ed. Quadrante, 1973.

\_\_\_\_\_. **A psicoterapia na prática.** Trad. Cláudia M. Caon. São Paulo: Papyrus, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Presença Ignorada de Deus.** 13ª ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

FRANKL, Viktor Emil. LAPIDE, Pinchas. **A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

GARCIA, Silvana. A resiliência no indivíduo especial: uma visão logoterapêutica. **Educação Especial**, n. 31, p. 25-36, 2008, Santa Maria

GIOVANETTI, José. Psicologia Existencial e espiritualidade. In: AMATUZZI, M. M. (Org.) **Psicologia e espiritualidade.** São Paulo: Paulus, 2005.129-146.

IDLER, Ellen *et al.* Measuring Multiple Dimensions of Religion and Spirituality for Health Research. *In: Rev. Research on aging*, vol. 25 n. 4, July, 327-365. 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **SIDRA 2000-2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

KOENIG, Harold. **Medicina, religião e saúde: O encontro da ciência e da espiritualidade.** Porto Alegre: L&PM Editores, 2012.

LIMA NETO, Valdir. Tanatologia e Logoterapia: um diálogo ontológico. *In: Rev Logos e Existência: Rev. da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial*, v.1(1), 38-49. 2012.

LUKAS, Elisabeth. **Logoterapia: A força desafiadora do espírito.** Santos-SP: Loyola, 1989.

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013



MARTÍNEZ-TABOAS, Alfonso *et al.* Lo que todo practicante de La psicología deve saber sobre las personas ateas y el ateísmo. **Interamerican Journal of Psychology**. v. 45, n. 2, p 203-210, mai./ago. 2011.

PAIVA, Geraldo. Espiritualidade e qualidade de vida: pesquisas em psicologia. In: TEIXEIRA, Evilázio. MÜLLER, Marisa. SILVA, Juliana. **Espiritualidade e qualidade de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. 125-134.

PANZINI, Raquel. *et al.* Qualidade de vida e espiritualidade. In: **Rev. Psiquiatria Clínica**, v. 34 (1), 105-115. 2007.

ONFRAY, M. **A potência de existir: manifesto hedonista**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Tratado de ateologia: física da metafísica**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2014.

PEREIRA, Ivo. **A ética do sentido da vida: fundamentos filosóficos da Logoterapia**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2013.

PERES, Mario. *et al.* A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos. In: **Rev. Psiquiatria Clínica**, v.34, supl 1; 82-87. 2007.

REDYSON, D. O legado do pensamento filosófico de Ludwig Feuerbach. IN: REDYSON, D.; CHAGAS, E. F. (Orgs.). **Ludwig Feuerbach: filosofia, religião e natureza**. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2011.

RODRIGUES, Denise. Os sem religião nos censos brasileiros: sinal de uma crise do pertencimento institucional. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1130-1153, out./dez. 2012

SANTOS, Fernanda. BARBOSA, Jessica. Espiritualidade e sentido de vida. **Logos e Existencia-Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial** 2(1), 26-36, 2013.

SILVEIRA, Daniel. MAHFOUD, Miguel Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência. **Estudos de Psicologia**: Campinas, 25(4), 567-576, out – dez, 2008.

VAILLANT, George. **Fé: Evidências Científicas**. Barueri, SP: Manole, 2010.

VALLE, João. Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. In: AMATUZZI, M. M. (Org.) **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005.83-108.

VOLCAN, Sandra Maria. A *et al.* Relação entre bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores: estudo transversal. In: **Rev. Saúde Pública**, vol. 37(4), 440-5, 2003.

WHO/MSA/MHP/98.2. - *WHOQOL and Spirituality, Religiousness and Personal Beliefs (SRPB) – Report on WHO Consultation*, pp.2-23, 1998.

WHOQOL Group. - The development of the World Health Organization quality of life assessment instrument (the WHOQOL). In: Orley, J. & Kuyken, W. (Eds.) ***Quality of life assessment: international perspectives***. Springer Verlag, Heidelberg, pp.41-60, 1994.

XAUSA, Izar. **A psicologia do sentido da vida**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2011.